

O Que É A Missão Integral?

© Vinoth Ramachandra, 2006

A Declaração da Rede Miquéias e Além da Mesma

A expressão ‘missão integral’ vem sendo cada vez mais usada desde que várias agências evangélicas de desenvolvimento, de todo o mundo, encontraram-se em Oxford, na Inglaterra, em 2001, para formar a Rede Miquéias. Sentiu-se que o termo, que vem do espanhol ‘misión integral’, era uma expressão menos enganosa para a preocupação com a pessoa como um todo, do que a linguagem anterior que falava de “missão holística” ou de “desenvolvimento de transformação”. A Rede Miquéias expediu a “Declaração Sobre Missão Integral” que afirma que:

“A missão integral, ou transformação holística, é a proclamação e a demonstração do Evangelho. Não é, simplesmente, que a evangelização e o compromisso social tenham que ser levados a termo juntos. Pelo contrário. Na missão integral, nossa proclamação tem conseqüências sociais quando convocamos as pessoas ao arrependimento e ao amor em todas as áreas da vida. E o nosso compromisso social tem conseqüências para a evangelização quando damos testemunho da graça transformadora de Jesus Cristo. Se assumimos uma postura de omissão diante do mundo, traímos a Palavra de Deus, a qual requer de nós que sirvamos ao mundo. Se assumimos uma postura de omissão à Palavra de Deus, não temos nada que oferecer ao mundo.”¹

Com freqüência, as pessoas entendem essa passagem como que não pode haver uma ação social cristã autêntica que não seja acompanhada *ao mesmo tempo* por uma proclamação verbal do Evangelismo, da mesma maneira que não pode haver uma proclamação autêntica que não seja acompanhada *ao mesmo tempo* pela ação social. Logo, essa abordagem tende a compreender a ‘missão integral’ como uma prática holística, uma estratégia ou metodologia para o nosso alcance missionário. Começa, então, a busca por ‘modelos’ de tal ‘missão integral’ para emularmos, pelo mundo afora. Este fato gera tensão para aqueles que trabalham em situações de sofrimento humano onde a proclamação aberta do Evangelho não é possível, ou onde o último tem a possibilidade de ser tão mal entendido (talvez pela história de má conduta – as chamadas “conversões não éticas”) que possa levar à repressão de todos os trabalhos de compaixão iniciados pelos cristãos.

Qualquer que tenha sido a intenção dos organizadores da Declaração da Rede Miquéias, a sensação de ambigüidade que paira pode ser dispersa se passarmos a compreender a ‘missão integral’ menos em termos das atividades da igreja e mais em termos de para quê que a igreja é chamada *para ser* (o que, claro, inclui as suas ações no mundo)? A missão integral, em outras palavras, tem a ver com a *integridade* da Igreja. Um homem, ou uma mulher, de integridade é uma pessoa que é confiável, sem inconsistência entre o que ele, ou ela, é em público e o que faz na sua vida particular. A missão integral é, então, um modo de chamar a igreja para manter-se unida, em sua teologia como também em sua

¹ ‘A Declaração da Rede Miquéias Sobre Missão Integral’ em Tim Chester (ed.), *Justiça, Misericórdia e Humildade: Missão Integral e o Pobre* (Carlisle, UK: Paternoster, 2002) p.19

prática, o que o Deus Trino da narrativa Bíblica sempre une: ‘ser’ e ‘fazer’, o ‘espiritual’ e o ‘físico’, o ‘indivíduo’ e o ‘social’, o ‘sagrado’ e o ‘secular’, a ‘justiça’ e a ‘misericórdia’, o ‘testemunho’ e a ‘unidade’, a ‘pregação da verdade’ e o ‘praticar a verdade’, e assim por diante.

Logo, a ênfase está nem tanto no ‘equilíbrio’ prático das nossas várias atividades, mas sim no firme recusar de se criarem distinções não-bíblicas. Por exemplo, quando Jesus iniciou voluntariamente uma conversa face a face com uma marginalizada social, como a mulher Samaritana (João 4), Ele estava ‘evangelizando’ ou estava fazendo uma ‘ação política’ ao desafiar os tabus políticos da sociedade?² Quando a igreja primitiva salvou as crianças abandonadas à morte nos montes de lixo fora das cidades do Império Romano, ou visitavam e alimentavam os prisioneiros inimigos, ou se recusavam a se juntar a seitas de sacrifício ao imperador, eles eram subversivos políticos ou estavam simplesmente demonstrando o Evangelho em seu viver para o mundo? Quando o Reverendo Martin Luther King confrontou o racismo branco da sociedade americana no nome do Deus Vivo das Escrituras, quem havia declarado que todos os seres humanos são iguais e os reconciliou uns aos outros através da morte de Jesus, ele estava evangelizando a nação ou estava engajado em uma ação política?

Certamente que a resposta para estas questões deve ser: “ambos”. Levantar essas questões é levar a Declaração da Rede Miquéias para uma direção que desafie a igreja de Jesus Cristo como um todo, e não apenas aqueles que estão envolvidos profissionalmente com o pobre. Não é apenas o caso de que (como a Declaração coloca muito bem) a proclamação do Evangelho tenha ‘consequências sociais’ e que o envolvimento social tenha ‘consequências de evangelismo’, mas também que todas essas ações possam ser narradas sob uma outra, que sejam descrições alternativas com implicações mais profundas para as nossas vidas. Quando pediram a Jesus que resumisse o que Deus pedia de nós, Ele não respondeu através de um conjunto de ‘projetos’ a serem realizados, ou um conjunto de ‘doutrinas’ que se acreditasse. Em vez disso, somos chamados para amar a Deus com todo o nosso ser e amar ao próximo como amamos a nós mesmos.³

Eu não conheço nenhum pai cristão que não ame os seus filhos: eles todos desejam que seus filhos tenham um ensino decente, alimentação adequada, acesso a melhor assistência à saúde possível, e um trabalho significativo e bem pago quando terminarem a escola. O que quer que digamos (em nossa teologia particular de igreja) sobre ‘salvar almas’ ser o trabalho mais importante para o qual Deus nos chamou, ou de cristãos ‘não serem parte deste mundo’ e tudo mais, fica óbvio que todos nós passamos a maior parte do nosso tempo certificando-nos que nós mesmos e nossas crianças estejamos seguros e confortáveis *neste* mundo. Mas no momento em que nos perguntam, ‘Você não quer

² É relevante que os substantivos ‘evangelismo’ or ‘ação social/política’ nunca aparecem nas Escrituras? No uso do inglês contemporâneo evangélico, são as formas substantivas que predominam o falar, consequentemente reforçam a tendência de dividi-las em compartimentos em caixas de categorias bem organizadas.

³ Marcos.12:28-31. É correto que o comando pressuponha que acreditemos em certas verdades sobre o Yahweh. Porém, o nosso entendimento destas verdades também depende da nossa obediência prática.

trabalhar para um mundo onde todas as crianças têm acesso à alimentação adequada, assistência à saúde, ensino e um trabalho decente mais tarde?', muitos de nós jogamos nossas mãos para o alto em horror absoluto e exclamamos: 'Isto não é o "evangelismo social"?'

Esta hipocrisia fundamental muitas vezes chamada de "círculos evangélicos" na Ásia do Sul (e em outros lugares) precisa ser exposta. A antropologia implícita também precisa ser desafiada. Cada um de nós está incluso. Do momento do nosso nascimento, se não antes, somos seres sociais. Crescemos dentro de uma família e de uma rede étnica, aprendemos uma língua que não é a de nossa escolha, participamos de uma visão de mundo e de um conjunto de costumes que são divididos com um grupo social mais amplo. O que chamamos de 'sociedade' não se encontra simplesmente fora do indivíduo, mas dentro deste também, e, de fato, o indivíduo não emerge sem a sociedade da qual este faz parte. Isto significa que não podemos divorciar o ambiente pessoal do social, econômico, ideológico e político dentro dos quais vivemos, movimentamos e possuímos o nosso ser. Assim como indivíduos transformados, com a visão de um mundo melhor, transformam os seus ambientes sociais através de órgãos políticos, também ambientes sociais transformados, por sua vez, mudam indivíduos. Como no exemplo do apartheid na África do Sul, ou a estrutura de castas na Índia, tem demonstrado amplamente: algumas vezes precisamos mudar a sociedade antes mesmo do indivíduo se tornar consciente do mal estrutural no qual se encontra cúmplice.

Logo, a questão que todos nós enfrentamos não é *o porquê* que devemos nos envolver socialmente, mas se o nosso envolvimento social no momento (o trabalho diário que realizamos, onde nós escolhemos morar, onde compramos, como ganhamos e gastamos o nosso dinheiro, como votamos, e assim por diante) é cristão ou não cristão, ou seja, se serve os propósitos de Deus para o mundo, ou se, na realidade, vão contra os mesmos. Há uma outra questão diretamente relacionada a esta: não como devemos pregar o Evangelho, mas qual o Evangelho que estamos pregando? A missão integral transcorre de um Evangelho integral.

Repensando no Evangelho

Na minha experiência pastoral, se as pessoas vêm sendo expostas a uma compreensão do Evangelho a qual está estruturada primeiramente em termos individualistas ('justificação por fé'), ou de 'salvação' como uma vida em um outro mundo depois da morte, basicamente (e a 'fé' como uma apólice de seguro que nos leva lá), é quase impossível movê-las para uma posição de onde as mesmas vejam como o seu trabalho e o seu envolvimento cultural no mundo presente têm algo a ver com o Evangelho. Na melhor das hipóteses, elas pensarão que é um chamado especial para alguns dotados dentro da igreja (talvez 'os intelectuais') para trabalhar em direção às transformações social e cultural, enquanto que o 'chamado real' de todo mundo é o de 'pregar o evangelho'. Se a ação social faz com que as pessoas se abram para o evangelho, então muito que bem, se não, então ela é dispensável.

Eu proponho que, basicamente, o importante no Evangelho não são as *minhas* necessidades e como Deus pode satisfazê-las. O *importante* é o mundo – o que o Deus Trino já fez, está fazendo e fará pelo mundo que criou e ama. O Evangelho anuncia a intenção de Deus e a inauguração desta intenção através da encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo para renovar, recriar e reconciliar o mundo consigo mesmo. Textos bem conhecidos, como o de Efésios 1 e o de Colossenses 1, apresentam o escopo da redenção do Evangelho como pessoas, culturas e o cosmo inteiro que abraçam. Além disso, é precisamente o porquê que o importante é o mundo que o evangelho é para o mundo. Ele anuncia o futuro do mundo. Enquanto eu sou chamado a responder pessoalmente a essa mensagem, e então receber os presentes gratiosos de justificação e reconciliação de Deus, o conteúdo desta mensagem é bem maior do que a minha resposta.

Para quem esta tal mensagem é Boas Novas? Para aqueles que suspiram por um mundo diferente, que não têm interesse algum no presente sistema mundano idólatra e opressivo. No Cântico de Maria (O Magnificat), a mãe do Nosso Senhor comemora a vinda do “Senhor Meu Salvador” (Lc 1:46) e soletra as implicações da Sua regra de salvação: dispersou os que no coração alimentavam pensamentos soberbos, derrubou dos seus tronos os poderosos, despediu vazio os ricos... (versículos 51 a 53). Certamente, o entendimento de Lucas da salvação messiânica era “mundano” assim mesmo; era evidente mais do que um reverso social, mas certamente que da mesma forma, não menos mundano.

Logo, não precisamos nem nos perguntar o porquê que aqueles que se opuseram à vinda da regra de salvação no ministério de Jesus foram os beneficiados com o status quo (por exemplo: os ricos, os poderosos na política, e a liderança religiosa), enquanto que aqueles que O receberam – e para quem a Sua mensagem foi Boas Novas – foram aqueles que eram os excluídos da salvação, como era definida pelos anteriores. É interessante que Jesus nunca insiste que tais pessoas (por exemplo: os coletores de impostos, os leprosos, os Samaritanos e as prostitutas) devam mudar primeiro antes que possam experimentar a Sua salvação: não porque não tivessem nenhum pecado pessoal, mas porque não precisam de lembretes pelas suas falhas morais. Para tais pessoas, Ele simplesmente abre os Seus braços em perdão e aceitação incondicional. Os coletores de impostos, tais como Zaqueu, ficam tão chocados com a generosidade de Jesus que respondem espontaneamente em arrependimento. Para quem Jesus prega diretamente o arrependimento e a necessidade do “nascer de novo” (ou, de modo alternativo, “tornar-se como criancinhas”) se é para que eles recebam o Reino de Deus? Para os ‘devotos’ que estavam convencidos que os seus assentos no reino já estavam reservados, para os ricos de quem as riquezas os isolavam de Deus e dos seus compatriotas, e para os poderosos, para quem a maneira servil e humilde de Jesus para com os que se encontram na camada mais baixa da sociedade era uma ameaça para a sua própria base de poder e suas posições privilegiadas.

No Novo Testamento, a igreja se encontra no âmago do contexto do Evangelho – a igreja não como uma outra instituição religiosa, dispensando serviços religiosos para o fiel, mas como uma nova comunidade daqueles que experimentaram os poderes da era vindoura e vivem como sinais daquele reino ‘de ponta cabeça’. A igreja é o lugar onde as barreiras

sociais e econômicas estão sendo postas abaixo como demonstração do poder reconciliador do Evangelho. É por isso que a desunião da igreja é uma negação do Evangelho e um sinal contrário, não à graça de Deus, mas do julgamento divino. Uma igreja fragmentada e dividida não tem como oferecer uma mensagem para um mundo fragmentado e dividido. Talvez, este não seja o maior ponto-cego da Ásia do Sul, ou talvez de toda a igreja global de hoje em dia?

Graça, esperança e amor, então, são características da verdadeira igreja. Foi confiado à igreja o Evangelho, com boas-novas. Quando nós privatizamos e individualizamos o Evangelho (uma mensagem apenas sobre a minha necessidade e o meu futuro), nós traímos o Evangelho. Quando a igreja perde de vista o seu chamado de ser a portadora do Evangelho para o mundo, ela vira um clube religioso como outro qualquer, simplesmente cuidando das necessidades e dos interesses dos seus membros. Quando a igreja perde as boas-novas da graça, ela torna a sua mensagem em uma religião de obrigações, um legalismo moralizante que identifica os feitos de respeito e caridade da classe média com o ser um cristão. Quando a igreja se esquece da mensagem de esperança, ela acaba sancionando o *status quo*, em vez de subvertê-lo. Em vez de viver o hoje à luz do que está por vir, ela idolatra o presente, até mesmo identificando cada sistema opressor não apenas como necessário, mas como enviado por Deus.

Com tal entendimento das Boas-Novas, o que nós rotulamos como ‘evangelismo’ agora torna-se, nas palavras do missionário Sul-Africano David Bosch, ‘inscrevendo as pessoas na lista do reino de Deus, liberando-as delas mesmas, dos seus pecados, dos seus emaranhamentos, para que sejam libertos para Deus e seus próximos.... Ganhar pessoas para Jesus é ganhar a vassalagem destas para as prioridades de Deus.’⁴

Repensando na ‘Grande Comissão’

Desde o passado século dezoito, muitas igrejas evangélicas e agências pára-eclesiásticas de missões vieram basear a sua teologia de missão para o mundo nas palavras do Senhor Ressurrecto em Mateus 28:16-20. Este texto é sempre referido como A Grande Comissão. Durante o restante deste ensaio, tentarei apresentar uma leitura mais próxima deste texto que traz o uso evangélico convencional em questão.

O primeiro item a ser observado é que este texto inicia-se com a *Grande Afirmação*: ‘Toda a autoridade Me foi dada no céu e na terra (v.18). Esta é uma outra maneira de dizer que Jesus é Senhor.’⁵ Verdadeiramente, estas são palavras notáveis uma vez que se considera que foram proferidas por alguém que havia sido crucificado recentemente como um criminoso contra o Estado Romano e cujo o corpo quebrado e malhado havia sido pendurado do lado de fora dos muros da cidade, em uma esquina remota do Império Romano, como uma dissuasão para todos aqueles que ousassem subverter a Pax Romana

⁴David J. Bosch, *Missão Transformadora: mudanças de Paradigmas na Teologia da Missão* (Maryknoll, New York: Orbis, 1991) p.418

⁵A maioria dos escolásticos reconhecem a influência de Dan 7:13-14 aqui (também cf. 7:29; 9:6; Jn.17:2).

(Paz Romana). A autoridade de Jesus, a qual recebe do Pai como um presente por meio da obediência na cruz, é a que abraça ‘o céu e a terra’, ou seja, toda a criação. Toda a esfera de atividade, humana ou não-humana, encontra-se debaixo do seu domínio. Como colocado de modo famoso pelo grande teólogo e estadista holandês, Abraham Kuyper: ‘Não há nem um centímetro quadrado em todo o domínio da nossa existência humana sobre o qual Cristo, que é soberano sobre *todas as coisas*, não diga: “Meu”.’⁶

A missão universal da igreja flui do senhorio universal de Jesus. É a grande afirmação que leva à *Grande Comissão*: ‘fazei discípulos’⁷ de todas as nações’ (v 19). A tradução tradicional do inglês torna obscura a ênfase das palavras de Jesus. A ênfase não está sobre o “ide”, mas sobre o “fazei discípulos”⁸. Um discípulo é um aprendiz, aquele que fica perto de um Guru para aprender uma arte ou um modo de vida. Os primeiros discípulos de Jesus, tanto mulheres como homens, eram todos judeus, pelo fato de que o ministério de Jesus foi confinado às pessoas de Israel. Mas agora, da mesma maneira que os convidou para aprender com Ele e segui-LO, é para que estes convidem outros do mundo dos Gentios (*ta ethne*) para tomarem parte da Sua comunidade de discípulos, a verdadeira Israel de Deus. *Ethne* é o termo comum do grego para os gentios, e a sentença *panta ta ethne* (‘todas as nações’) já havia sido usada antes nos 24:9,14; 25:32 em contextos os quais provavelmente todos incluem Israel nas ‘nações’. Como observa Craig Keener: A missão dos gentios estende a missão judaica – não a repõe. Jesus não revoga a missão para Israel em lugar algum (10:6), mas meramente adiciona uma nova missão revogando uma proibição anterior (10:5)’.⁹

É para que eles explorem o que a confissão ‘o Jesus crucificado é Senhor’ significa para as culturas onde entram, já que Jesus vai à frente deles para aquele mundo. Vão para convidar colegas de aprendizado, batizando homens e mulheres para a companhia de discípulos de Jesus. O batismo, no mundo antigo, era um sinal de transferência para uma nova propriedade, uma nova aliança.¹⁰ O batismo cristão era um ato de incorporação no Corpo de Cristo, uma nova família dentro da qual homens e mulheres aprendiam a seguir o Cristo Ressurrecto e exercitavam uma humanidade nova e compartilhada. John Meir ressalta que o batismo ‘rescinde, de modo implícito, o comando da circuncisão e, assim, rescinde a fidelidade para com a Lei Mosaica’, o qual marcou o ministério público de Jesus. ‘Um ministério restrito à terra e ao povo de Israel quase não poderia ser realizado fora da fidelidade à Lei Mosaica, assim como uma missão não restrita aos gentios seria

⁶Do discurso de abertura na Free University of Amsterdam (Faculdade Livre de Amsterdam), 20 de outubro de 1880, em James Bratt, ed., *Abraham Kuyper: A Centennial Reader* (Grand Rapids: Eerdmans and Carlisle: Paternoster, 1998) p.461

⁷Grego. *mathéusate*

⁸A instrução de Jesus inclui um imperative rodeado de três sentenças no participio: deve-se discipular ao ir, batizar e ensinar. Deveria ter sido traduzido estritamente como: ‘ao ir’ ou ‘no sue caminho’ faça discípulos...

⁹Craig S. Keener, *Um Comentário Sobre o Evangelho de Mateus* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999) p.719

¹⁰*No nome* é literalmente ‘dentro do nome’, implicando a entrada em uma aliança.

praticamente inconcebível – sem pensar em não bem sucedida – sem a rescisão de tais prescrições Mosaicas, tal como a circuncisão.’¹¹

Além do mais, o Nome Trino que a igreja confessa é significativa.¹² A missão do Deus Trino é a fonte e a base para a missão da igreja. De fato, até o século dezesseis, o termo ‘missão’ era usado exclusivamente para se referir à Trindade – o envio do Filho pelo Pai e o do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho (como formulado na tradição trina da igreja ocidental). Os Jesuítas foram os primeiros a usá-lo ao descrever o espalhar da fé cristã entre os povos (incluindo os Protestantes) que não eram membros da igreja católica¹³. Infelizmente, este uso do termo coincidiu com a expansão colonial dos poderes Europeus e resultou na aquisição de insinuações sem gosto de hegemonia cultural e de conquista agressiva que ainda pairam hoje em dia.

A ênfase no Deus Trino como tema da missão libera a igreja tanto de um egoísmo idólatra como também de um escopo e missão estreitos. O *missio Dei* indica o alcance de Deus no amor redentor e reconciliador para com toda a criação. Ter participação em, e ser recriado pelo fluxo dinâmico dos relacionamentos trinos é o que constitui discipulado para Jesus. ‘Não é a igreja que tem uma missão de salvação para realizar no mundo, é a missão do Filho e do Espírito Santo através do Pai, que inclui a igreja, criando uma igreja à medida que segue o seu caminho.’¹⁴

O fazer de discípulos é impossível sem o ensino. É para a igreja ensinar homens e mulheres a “obedecer todas as coisas que vos tenho ordenado” (v.20). Se a essência do discipulado é para obedecer tudo o que Jesus ensinou, logo a essência do fazer discípulos é ensinar a outros a fazer o mesmo. De modo claro, não podemos fazer discípulos de outros se não somos discípulos nós mesmos; e a maneira de sabermos se somos, de fato, discípulos de Jesus é ver se exercitamos o que Ele ensinou. Então, Mateus 28:20 faz com que o leitor volte a Mateus 5:2ff onde, de acordo com o evangelista, o ministério de ensino de Jesus se inicia.

A princípio, Mateus 5 é dirigido aos discípulos de Jesus (v. 2) e começa com uma descrição seccionada em oito vezes, das atitudes e qualidades do verdadeiro discípulo, aquele que já aceitou as exigências do reino de Deus. Em primeiro lugar, os discípulos de Jesus são homens e mulheres que são ‘humildes de espírito’(v. 3) – eles não estão ‘no controle’ das coisas, mas são impotentes no mundo, aquebrantados e completamente dependentes de Deus, em quem confiam; em segundo lugar, ‘choram’ (v. 4) – por causa

¹¹John P. Meir, ‘História de Salvação em Mateus’, em *A Missão de Cristo e Sua Igreja: Estudos Sobre Cristologia e Eclesiologia* (Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1990) p.130

¹²A fórmula trina é estabelecida até o período dos mais antigos documentos cristãos existentes (1 Cor.12:4-6; 2 Cor. 13:14) e espalhados na igreja (1 Pet 1:2; 1 Jn. 3: 23-24; Did. 7:1-3).

¹³ Cf. Bosch, op.cit., p.1

¹⁴Jürgen Moltmann, *A Igreja No Poder do Espírito: Uma Contribuição à Eclesiologia Messiânica*, trans. M. Kohl (London: SCM Press, 1977) p.64

dos seus próprios pecados e sofrimento, e os pecados das pessoas com quem vivem; em terceiro lugar, são ‘mansos’ (v. 5) – não covardes adutores, mas aqueles cujas ambições não estão centradas neles próprios, para que consigam continuar nas sombras e renunciar posições de honra e privilégio; em quarto lugar, têm ‘fome e sede de justiça’ (v. 6) os discípulos são conhecidos como os que têm paixão pela justiça de Deus, aqueles que anseiam pela vindicação dos oprimidos; em quinto lugar, combinam a fome de justiça, a qual sozinha pode endurecer as pessoas e até promover a auto justificação, com a habilidade de mostrar misericórdia (v. 7) tanto para com as vítimas como para com os praticantes da injustiça; em sexto lugar, são ‘limpos de coração’(v. 8) – o que não significa nem tanto sem culpa, ; em sétimo lugar, imitam Deus ao serem ‘pacificadores’ (v. 9) – tomam a iniciativa em tomarem partido em situações de conflito e violência, seja em famílias, cidades ou nações, para construir pontes e restaurar relacionamentos entre pessoas com inimidade umas com as outras; e, finalmente, discípulos são perseguidos tanto por amor à justiça quanto por demonstrar testemunho fiel a Jesus (vv 10,11) – visto que, nas palavras de Dietrich Bonhoeffer, ‘o sofrimento é o crachá do discipulado’.¹⁵

Jesus continua falando de tais discípulos como ‘sal’ e ‘luz’ no mundo: como o sal interrompendo a corrupção e a decadência da sociedade, e como a luz expulsando a escuridão moral e espiritual. O Sermão da Montanha continua ensinando sobre amar o seu inimigo, perdoar os seus devedores, compartilhar as suas posses com os necessitados, confiar em Deus por nossas necessidades, colocar o reino de Deus acima de todas as outras prioridades na vida, e tantas coisas mais. E nós só estudamos a quarta parte do Evangelho de Mateus! O discípulo moderno que queira aprender como tornar outras pessoas em discípulos de acordo com a Grande Comissão deve, então, estudar o restante do Evangelho de Mateus para aprender o que Jesus ensinou aos seus discípulos a observar¹⁶ - e, então, fazer o mesmo com Marcos, Lucas e João. Se não estivermos dispostos a fazer isto, por causa de preguiça, indiferença ou mera descrença, perdemos o direito de sermos chamados de Cristãos.

Então, voltemos para a lógica de Mateus 28:20. Se o fazer discípulos é ‘ensiná-los a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado’, logo o feitor de discípulos também deve ser diligente ao obedecer tudo que o Mestre ensinou. Então, como ousamos ser seletivos na nossa leitura dos ensinamentos de Jesus e reduzir este texto em ‘pregar o Evangelho’ ou ‘implantar igrejas’! É irônico achar que aqueles que se chamam cristãos ‘crentes na Bíblia’ normalmente são os piores réus quando se fala de distorção do texto bíblico desta maneira. O Jesus Ressurrecto espera que a Sua comunidade de discípulos, a qual está espalhando as boas-novas entre as nações, está também se esforçando com relação à unidade cristã, está compartilhando os seus recursos com os pobres e necessitados, está engajada em iniciativas custosas de pacificação, e sedenta e faminta pela justiça de Deus. Se Jesus nos chama para obedecer ‘todas as coisas que vos tenho ordenado’, então, mesmo se, como indivíduos cristãos, temos diferentes dons os quais nos aproximam de

¹⁵Dietrich Bonhoeffer, *O Custo Do Discipulado*(1937; New York: Macmillan paperbacks, 1963) p.100

¹⁶Os rerumos dos ensinamentos de Jesus são encontrados fora os capítulos.5-7, nos capítulos.10,13,18 e 23-25.

ministérios específicos que são diferentes de outros, não podemos nos comprometer quando o caráter cristão está em jogo. Ademais, como igreja, não temos a liberdade de ‘priorizar’, sem mencionar “escolher isso e aquilo” no tocante a obedecer. Igrejas locais e denominações não deveriam ser distinguidas por suas ‘prioridades’, e, especialmente, não por ‘metodologias’ diferentes.

Antes de terminarmos o nosso texto, é importante notar a sua inclusão. ‘*Toda a autoridade... me foi dada... fazei discípulos de todas as nações... ensinando-os a obedecer todas as coisas que vos tenho ordenado... estou convosco todos os dias até à consumação do século.*’ A Grande Comissão está baseada na Grande Afirmação e acompanhada pela Grande Promessa. ‘A promessa da presença de Deus é frequentemente acompanhada pelo Seu chamado para o serviço no Velho Testamento (Ex. 3:12; Js. 1:5); não é nem tanto um resseguro confortável, mas um equipamento necessário para a missão.’¹⁷ A promessa da presença permanente e habilitante do Cristo Ressurrecto só é dada a uma igreja que O segue pelo mundo, dando testemunho da Grande Afirmação em todas as áreas da vida.

Repensando nas metodologias de ‘Implantação de Igrejas’

Alguns missiólogos, moradores, normalmente, do sudeste da Califórnia, vêm desenvolvendo uma grande estratégia de evangelização do mundo, interpretando a sentença *ta ethné* (Mateus 28:19) com o significado de ‘grupo de povos’, e assim identificando a tarefa-chave missionária como a de estabelecer igrejas viáveis e indígenas dentro dos grupos de povos do mundo. Está sendo dispensada muita engenhosidade para como definir e classificar estes grupos. A missão é, então, reduzida a um objetivo quantitativo que, nas projeções mais otimistas, pode ser realizada dentro da geração atual.

Desse modo, Ralph Winter e Bruce Koch afirmam que ‘Estamos na era final de missões. Pela primeira vez na história é possível ver o fim do túnel, onde haverá um movimento eclesial dentro de cada estrutura de linguagem e social para cada grupo de povos na Terra. Um evangelismo poderoso, cara a cara, tomando conta de todos os povos’. Os dois continuam: ‘Precisamos de apenas uma pequena porcentagem de crentes dedicados para mobilizar e preparar... note como a tarefa de missões parece ser mais viável quando enfocamos no tamanho da força potencial de missões e nos grupos de povos a serem penetrados. Em vez de falar em evangelizar 2 bilhões de indivíduos, podemos falar de começar com aproximadamente 3.000 povos etnolinguísticos e, assim, finalizar em, talvez, uns tantos 10.000 povos ‘unimax’. Dentro de um pequeno período de tempo, todos os 3.000 grupos etnolinguísticos “menos evangelizados” estarão no alvo e engajados com alguma estrutura de envio de missões do mundo.’¹⁸

¹⁷R.T France, *O Evangelho Segundo Mateus: Uma Introdução e Um Comentário* (Leicester, UK: InterVarsity Press, 1985) p.416

¹⁸ R.D. Winter e Bruce A. Koch, ‘Terminando a Tarefa: O Desafio dos Povos Ainda Não Alcançados’, em *As Fronteiras Das Missões*, junho de 2000 : ‘Um povo unimax é o grupo de tamanho MÁXimo, sufficientemente UNificado para ser alcançado por um movimento de implantação de igreja único e indígena. “Unificado” neste contexto se refere ao fato de que não há barreiras significantes de entendimento, ou aceitação ,para interromper o espalhar do Evangelho.’ (p.25)

O grande valor da mentalidade de grupo de povos é este que nos alerta sobre a existência e as necessidades especiais das comunidades as quais poderíamos, se não fosse isso, ignorar em missões. No entanto, apesar de ser definido por línguas e, talvez, etnia, o exercício deste conceito com outros grupos é problemático. Os limites entre as pessoas, e as suas marcas de auto-identificação, são sempre porosos e mudam constantemente (até mesmo as definições de etnia são, normalmente, atos políticos, e o que constitui uma ‘herança cultural’ para uma geração é compreendida de modo diferente pela próxima).¹⁹ Porém, o mais importante, de um ponto de vista teológico, é que no momento que iniciamos ‘a implantação de igrejas dentro de grupos de povos’ o objetivo da missão cristã, mesmo em áreas geográficas heterogêneas, mostramos que estamos trabalhando com uma compreensão de Evangelho muito diferente da qual eu delineei há alguns minutos atrás.

Que Winter e Koch são herdeiros do legado do ‘princípio da unidade homogenia’ de uma geração mais antiga de missionários americanos, é evidente pelo seguinte comentário: ‘O fato é que o Evangelho se expande, com frequência, dentro de uma comunidade, mas, normalmente, não “pula” por sobre os limites entre os povos, especialmente os limites que são criados pelo ódio ou preconceito. As pessoas podem influenciar os seus “próximos mais próximos”, cujas língua e cultura compreendem, porém onde há um limite de preconceito, fé religiosa, as quais são quase sempre atadas a características culturais do primeiro grupo, simplesmente não “pulam” para o próximo grupo, a menos que aquele grupo deseje adotar a cultura de preferência do outro à sua.’²⁰

Esta observação sociológica se torna um princípio missiológico. Inevitavelmente, os críticos questionam qual o conteúdo do Evangelho que não confronta mais as idolatrias da comunidade e da sua cultura. O que aconteceu com o Evangelho quando o mesmo não desafia mais os batizados no nome do Deus Trino para que ‘obedeçam todas as coisas que Jesus nos ordenou a obedecer’, especialmente ao identificar-se com os ‘marginalizados’ e até com o ‘inimigo’ da nossa comunidade e nação? Os proponentes das metodologias de crescimento de igrejas baseadas em ‘grupos de povos’ sempre respondem que tal reconciliação entre os povos acontecerá com o tempo. Logo, Winter e Koch, no artigo acima, falam da ‘esperança reluzente do Evangelho’ que ‘novos movimentos de seguidores de Cristo em tais localidades de disputa trabalharão para a cura das inimizades entre as pessoas.’²¹ Entretanto, isto não somente acontece raramente, mas para Jesus, o perdão e a reconciliação não são ‘ensinos mais elevados’ opcionais, separados do Evangelho, que podem ser dados mais tarde para a igreja, mas sim intrínseco à verdadeira constituição da Igreja e fundamental ao arrependimento que o Evangelho exige.

¹⁹ Uma grande parte da metodologia do ‘Grupo de Povos’ é remanescente das etnografias e catálogos coloniais dos povos de colônias, os quais codificaram as variedades desconcertantes dos povos da Índia em categorias de casta, raça, religião e profissão, vistas não somente como dinâmicas e em evolução, mas como uma herança de um passado distante, meio que estática. Estas divisões codificadas, então, serviram para dar forma à política administrativa colonial.

²⁰Op.cit., p.23

²¹Ibid.p.26

O conteúdo de um Evangelho que não exige nada a respeito de justiça e reconciliação sugere, nas palavras de Orlando Costas: ‘um Jesus que acalma a consciência, com uma cruz não escandalizante, um reino espiritual, um espírito privado, limitado e introvertido, um Deus de bolso, uma Bíblia espiritualizada e uma igreja escapista. O seu objetivo é uma vida feliz, confortável e bem sucedida, obtida através do perdão de uma falta de pecado abstrata por fé em um Cristo não histórico.’²²

Observações Conclusivas

A missão integral flui de um Evangelho integral e de um povo integrado. Há um grande perigo de transformarmos a missão da igreja em um conjunto de ‘projetos’ e ‘programas’ especiais, se a chamarmos de ‘evangelismo’ ou de ‘ação sóciopolítica’, e, então, procurar por maneiras de integrá-los metodologicamente. Em vez disso, a missão da igreja está localizada na fidelidade e na suficiência do seu testemunho em Cristo. Nosso negócio principal não é nem apoderar-nos dos sistemas do mundo nem de maximizar os membros da igreja em números.

Ademais, precisamos nos lembrar de que a maneira principal com que a igreja age sobre o mundo é através das ações de seus membros no seu trabalho e relacionamentos diários com pessoas de outras fés. Uma congregação com projetos imensos de bem-estar social ou muitas equipes de ‘implantação de igrejas’ pode ser bem menos eficaz em uma sociedade secular do que as congregações que não têm nada dessas coisas, mas treinam os seus membros para obedecerem Cristo, nas diferentes áreas da vida cívica, nas quais estes são chamados.

A ‘missão integral’ tem a ver com esta questão básica de integridade da vida da igreja, a consistência entre o que a igreja é e o que ela proclama. Com este entendimento, o que torna um político ‘evangélico’ verdadeiramente ‘evangélico’ não é o fato de que ele adiciona a pregação do evangelho nas suas atividades políticas diárias, para fazer esta mais ‘holística’; mas na verdade, que a sua perspectiva e interesses estejam profundamente formados pela visão e valores que surgem do Evangelho (por exemplo, defendendo o mais vulnerável – que seja uma criança ainda não nascida, o deficiente mental, minorias culturais ou os grupos tribais tiranizados, trabalhando pela reconciliação étnica, e assim por diante).

Também precisamos nos lembrar daquilo que foi tão óbvio para a igreja do primeiro século, mas esquecido na nossa era movida a técnicas. A missão é uma iniciativa divina e não uma empresa humana. Recobrar o conteúdo do Evangelho em nossas igrejas levará a um questionamento radical de muitas metodologias evangelistas importadas. Somos chamados a sermos testemunhas do presente, apesar de escondido, reino de Jesus Cristo, através da presença e poder do Espírito Santo. Logo, a missão se torna, nas palavras de Lesslie Newbigin, ‘um tipo de doxologia, um glorificar de Deus em meio a um mundo

²²Orlando E. Costas, *O Cristo do Lado de Fora do Portão: A Missão Além do Reino de Cristo* (Maryknoll, NY: Orbis, 1982) p.80

que vira as suas costas para Ele'.²³ Newbiggin continua: 'Acho que a única coisa que pode tornar o evangelho confiável, a única coisa que torna possível o acreditar que a autoridade máxima sobre o universo todo reside em um homem pregado na cruz, é a companhia de pessoas que vivem uma histórica bíblica para que saibam que esta é como a sua própria história, e como uma pista para toda a história da humanidade.'²⁴

²³Lesslie Newbiggin, 'Reflecções Sobre A História das Missões' em *Um Mundo Em Estações: As Perspectivas Sobre As Missões do Mundo Cristão* (Grand Rapids: Eerdmans and Edinburgh: St. Andrew Press, 1994) p.141

²⁴Ibid. p.146